

# Crise na área política bloqueia avanço da economia em 1992

LÉA CRISTINA

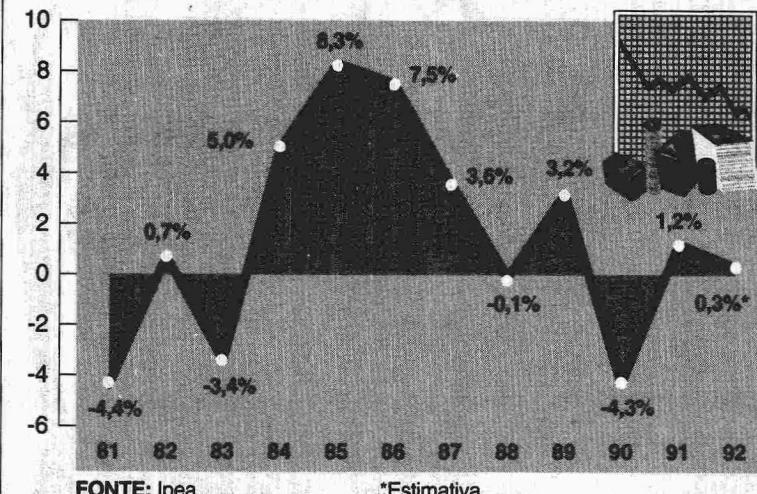
Mais um ano perdido. Quem sabe, dois. A economia do país voltou a ter um desempenho medíocre em 1992, apesar da maturação de alguns programas básicos — como o equacionamento da dívida externa, privatização e desregulamentação. Além da recessão, veio a crise política em que o país mergulhou por quase meio ano e que resultou no afastamento de Fernando Collor de Mello. Resultado: as expectativas reverteram-se e, enquanto antes previa-se que a economia cresceria até 4%, hoje os analistas estimam que 1992 pode até mesmo fechar estagnado. Para 1993, na melhor das hipóteses, um lento início de recuperação.

O Grupo de Acompanhamento Conjuntural (GAC) do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) projeta para 1992 uma taxa do Produto Interno Bruto (PIB) perto de zero (0,3%). Segundo a pesquisa de prognósticos feita no mês passado pela Price Waterhouse entre as 500 maiores empresas do país, a taxa não passará de 2%. O economista Cláudio Contador, responsável pelo boletim "Indicadores Antecedentes", acha que o crescimento pode chegar a 2%, mas reconhece seu otimismo: "Podem me chamar de maluco, mas entendo que a agricultura e as exportações vão ajudar mais do que se imagina".

De qualquer forma, mesmo que o PIB feche 2% em 1992, o resultado será medíocre: se isso ocorrer, a economia terá voltado aos níveis de atividade de 1987, enquanto a população cresce, por ano, em torno de 1,9%.

Editoria de Arte

## Variação das taxas do PIB desde 81



Para 1993, na melhor das hipóteses, o início de uma lenta recuperação. Contador acha que a taxa do PIB poderia até chegar a 3%, no caso de o Governo conseguir aprovar seu ajuste fiscal de emergência e, assim, dar mostras "de que tem algum controle sobre seu caixa".

Cláudio Considera, coordenador do GAC, também afirma que o ajuste mínimo é básico para que o próximo ano registre uma leve recuperação, mas só a partir de ganhos de produtividade: não será em 1993, diz, que novos investimentos serão feitos.

Ainda de acordo com pesquisa feita no mês passado pela Price entre as 500 maiores, os investimentos a serem realizados no próximo ano serão relativos a 15,9% do valor de seus ativos. Este ano, dizem elas, essa taxa equivale a 14,2% dos ativos. Números muito abaixo dos 21,8%

de 1989 e da média anual de 25% da década de 70:

— Os empresários só investirão quando sentirem que as regras econômicas não serão mudadas. É preciso que o Governo dê soluções estruturais para a economia brasileira — afirma Célio Lora, diretor da Price, para quem a postura desenvolvimentista de Itamar Franco não garante melhor desempenho para a economia em 1993.

Tanto Lora quanto Contador entendem que a crise política contribuiu para frustrar o processo de recuperação esperado para 1992. Contador lembra que vários projetos empresariais voltaram a ser engavetados, enquanto Lora ressalta que o atraso nas decisões sobre reforma tributária e as dúvidas a respeito da manutenção do processo de privatização fizeram com que o Brasil parasse.